



É o fim da república das oligarquias e a abertura de um novo ciclo político para o Brasil? Esta é a avaliação da maioria dos cientistas políticos que se manifestaram sobre a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva. O presidente eleito do Brasil sobe ao poder rodeado de símbolos. O mais forte deles é uma mudança radical na vida de um metalúrgico de origem humilde que chega à presidência da República.

Páginas 6 e 7

ELEIÇÕES 2002

Lula dá início a novo ciclo político no Brasil



Qual o nosso papel no pacto?

Passadas as eleições e conhecido o novo presidente da República descobriu-se que algumas previsões feitas não se confirmaram. Encerrado o processo eleitoral, o dólar continua em alta e as bolsas não mostram uma reação significativa. Qual será a desculpa agora? A indefinição da equipe econômica? E se depois de definida a equipe o processo continuar, qual será a nova desculpa?

O certo é que, com o novo governo instalado em Brasília, os desafios estarão colocados. E não são poucos nem pequenos. Para os servidores públicos, a perspectiva real é de que por um bom período a situação atual vai continuar, com a diferença significativa de que agora teremos diálogo e negociação, muita negociação. Os sindicatos, não acostumados a este tipo de tarefa, terão de aprender num curto espaço de tempo a arte da negociação.

Entre os pontos urge colocarmos em discussão qual será o nosso papel neste pacto social proposto pelo presidente que estará sendo empossado no dia 1º de janeiro.

O pacto social para os professores universitários e servidores públicos, discutir a crise por que passa o ensino público superior pela falta de verbas para manutenção dos prédios, a exigência da ampliação de vagas para atender uma demanda cada vez maior e a falta de pessoal, tanto de professores como técnicos administrativos, são questões que não têm como ser resolvidas num curto espaço de tempo e que estarão inseridas numa negociação das necessidades gerais dos trabalhadores.

O mais breve possível é necessário sentarmos para negociar um calendário para resolver estes problemas e nos convencer de que o sindicato deve e tem como obrigação ultrapassar os limites da mera reivindicação salarial. Neste novo momento que se inicia serão necessárias paciência para perceber que as questões não serão resolvidas de imediato, e persistência. Quem continua poderosa é a Rede Globo, já que o novo presidente em seu primeiro ato foi uma entrevista exclusiva para o Jornal Nacional.

FME prevê 20 mil inscritos

Os interessados em participar da 2ª edição do Fórum Mundial de Educação, que acontece de 19 a 22 de janeiro, em Porto Alegre, podem fazer suas inscrições. Os valores são reajustados a cada dois meses e em novembro e dezembro, o investimento será de R\$ 60,00. As inscrições são feitas, exclusivamente, pela internet no sítio www.forummundialdeeducacao.com.br. O pagamento do boleto bancário pode ser feito em qualquer agência. Estudantes e educadores populares têm subsídio de 50% no valor da inscrição. Para ter direito ao desconto, o educador deve comprovar que trabalha, sem vínculo funcional, vinculado a programas sociais com alfabetização e pós-alfabetização. Este benefício foi concedido pelo Comitê de Organização (CO) para os educadores populares e estudantes a título de ajuda de custo para viabilizar a participação. Trabalhadores em educação das redes públicas e privadas de ensino não têm direito ao subsídio por terem habilitação competente e vínculo funcional.

Tema central do FME

Educação e Transformação é o tema central do FME 2003 e se desdobrará em três Conferências, 10 Debates Temáticos, sete Debates Especiais, os 35 debates da Programação Simultânea e cerca de 2000 Relatos Temáticos, apresentação de experiências pedagógicas dos participantes. As diversidades geográfica, social, política e de gênero serão trazidas pelos 156 conferencistas e debatedores de 30 países. Os inscritos podem participar de toda a programação. O prazo para inscrição de trabalhos vai até 10 de novembro. Todas as pessoas inscritas no FME têm direito a apresentar relatos. Os trabalhos podem ser inscritos pela internet na página www.forummundialdeeducacao.com.br, exclusivamente, na modalidades pôster.

Fome mata 25 mil por dia

Todos os dias, cerca de 25 mil pessoas morrem no mundo em consequência da fome e da pobreza, segundo dados da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO). Por ano, seis milhões de crianças menores de cinco anos morrem de fome. Entre 1998 e 2000, estima-se que houve um total de 840 milhões de pessoas desnutridas, dos quais 799 milhões eram de países em desenvolvimento. Jacques Diouf, diretor geral da FAO, afirmou que a comunidade internacional tem o objetivo de reduzir à

metade a fome mundial até 2015. O documento da FAO destaca que "nos países mais afetados, um bebê recém nascido pode esperar viver em média apenas 38 anos com saúde, comparado com mais de 70 anos de máxima saúde nas nações ricas". Para alcançar a meta, deve haver 24 milhões a menos de pessoas famintas a cada ano. Segundo Diouf, esse objetivo ainda poderia ser alcançado se existisse vontade política. A situação da América Latina e do Caribe é uma das piores, onde cerca de 54 milhões passam fome.

Zeitgeist

Essa palavra alemã vai aparecer na sua vida nas próximas semanas. Com ela, muitos cientistas políticos vão procurar explicar o fenômeno Lula ou o que outros chamaram de "blindagem", que fez com que nenhum ataque afetasse o desempenho eleitoral do candidato petista. Para muitos analistas cultos, de dentro e fora dos comitês eleitorais, Lula conseguiu encarnar o zeitgeist do Brasil hoje. E aí não tem marqueteiro, discurso político, denúncias, ataques, afagos ou qualquer outro recurso político que possa dobrá-lo. Zeigeist é uma palavra composta alemã que se tornou um conceito de psicologia social e de filosofia, usado literalmente em outras línguas. Zeit + Geist = espírito do tempo, o sentimento de uma época, o pensamento de um momento histórico.



Diretoria

Presidente: Rubens Weyne;
1º Vice-Presidente: Marilene Schmarczek;
2º Vice: Félix González;
1º Secretário: Mário Wrege;
2º Secretária: Daniela Fialho;
1º Tesoureiro: Edson Lindner;
2º Tesoureiro: Vanderlei Carraro;
1º Suplente: Tatiana Montanari;
2º Suplente: Carmem Lucia Bezerra Machado

URP 89

Professores da Ufrgs ganham na Justiça

Cristina Lima



Coelho: a batalha não era para ganhar, mas para deixar de perder

Uma vitória da mobilização. Essa foi a avaliação da assessoria jurídica da Adufrgs sobre a decisão do Tribunal Superior do Trabalho (TST) favorável aos professores da Ufrgs com relação à URP/89. No dia 22 de outubro passado, a Subseção de Dissídios Individuais - 2 (SDI - 2) do TST negou, por maioria de votos, o recurso ordinário em que a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs) pedia a devolução dos valores pagos a mais de três mil de seus docentes, a título de reposição salarial correspondente ao Plano Verão.

Segundo o advogado Rogério Coelho, da assessoria jurídica da Adufrgs, a pressão feita pelos professores foi decisiva e garantiu o reajuste de 26,5% dado em fevereiro de 1989 e que corria um grande risco de ser suprimido do contracheque. "A batalha não era para ganhar, mas para deixar de perder", comentou Coelho, que disse nunca ter deixado de acreditar na vitória dos docentes, especialmente quando começaram a contestar a ação individualmente, acompanhar o processo e lotar os tribunais a cada julgamento.

Para o segundo-tesoureiro da Adufrgs, Vanderlei Carraro, que acompanhou o processo desde o início, o caminho foi árduo e cheio de altos e baixos, mas a esperança e a vontade de lutar até o fim foram os principais ingredientes da vitória. O advogado Francis Bordas reforçou a posição de Coelho e Carraro, ao dizer, durante cerimônia de comemoração no dia 24 de outubro, que a conquista foi conjunta e que o otimismo dos professores venceu todas as probabilidades desfavoráveis.

Dados do TST dão conta de que não existe um cálculo oficial sobre o montante envolvido no processo, mesmo porque os professores vêm recebendo os valores parcelados, mas uma decisão

contrária poderia levar a uma diminuição de um quarto dos salários. Durante o julgamento, os juízes convocados Aloysio da Veiga e Vieira de Mello Filho além do ministro Barros Levenhagen entenderam que houve decadência na ação rescisória proposta pela Ufrgs.

A universidade perdeu o direito a prosseguir judicialmente na questão por ter determinado, durante o curso de ação rescisória, a citação dos docentes além do prazo de dois anos previstos para a providência. A decisão judicial questionada pela Ufrgs, de acordo com informações divulgadas no site do TST, foi dada em 1993, mas somente em 1996 a instituição decidiu pelo chamamento dos professores ao processo.

Com isso, o TST entendeu que "a Ufrgs não estaria obrigada ao chamamento das partes ao processo, mas como resolveu usar desta faculdade processual deveria tê-la cumprido dentro do prazo adequado, ou seja, em até dois anos após a decisão que assegurou a reposição salarial de 26,05% (Plano Verão) aos docentes gaúchos". Os outros três ministros da SDI-2 que participaram do julgamento - Ives Gandra Martins Filho (relator), José Simpliciano Fernandes e Renato de Lacerda Paiva - divergiram quanto à ocorrência da perda do direito, por entenderem que o biênio decadencial não estaria configurado.

De acordo com o relator original da questão no TST, o fato da citação do sindicato da categoria dos docentes ter sido feita dentro do prazo legal já asseguraria a representação dos docentes na ação rescisória. Diante do empate em três votos verificado na votação, o ministro Barros Levenhagen, na condição de presidente da SDI-2 durante a sessão, decidiu por negar o recurso ordinário proposto pela Ufrgs.

PPG SOCIOLOGIA

Seminário aborda transformações do Trabalho

"Para compreender as transformações no Trabalho" é o nome do seminário que o Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Ufrgs promove de 11 a 14 de novembro no Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa. O evento marca o lançamento da 4ª edição, revista e ampliada, do Dicionário Crítico sobre Trabalho e Tecnologia, livro escrito coletivamente por especialistas de diversas áreas. A intenção dos organiza-

dores é refletir sobre as transformações no mundo do trabalho ocorridas nas últimas duas décadas. Estão na pauta as novas tecnologias associadas a formas inéditas de organização da produção, precarização, tecnociência, reestruturação produtiva, sociedade pós-industrial, especialização flexível etc. O seminário pretende mostrar recursos teóricos e conceituais atualizados para analisar e discutir essas questões.

Programação

Dia 11 - "1999/ 2000 - A Grande Transformação: Globalização, Reestruturação produtiva e o novo paradigma", com Octávio Conceição, editor da revista Ensaios e Sônia Lorangeira - PPG - Sociologia- Ufrgs.

Dia 12 - "O novo mundo do trabalho - Tecnociência, especialização flexível, precarização, terceirização", com Élica Lidke - PPG - Sociologia - NIEST- Ufrgs, Maira Baumgarten - Fundação Universidade Federal de Rio Grande e Irene Galeazzi, FEE.

Dia 13 - "Os impactos sobre os trabalhadores: saúde, subjetividade, identidade", com Álvaro Merlo - Centro de Documentação, Pesquisa e Formação em Saúde do trabalhador - Faculdade de Medicina - Ufrgs, Henrique Nardi - PPG - Psicologia Social e Institucional- Ufrgs, Paulo Oliveira - Departamento de Medicina Social- Faculdade de Medicina - Ufrgs, Jussara Mendes - PPG- Serviço Social, PUC.

Dia 14 - "As Transformações do Trabalho - Impasses, Lutas e Perspectivas", com Lorena Holzmann - PPG - Sociologia - UFRGS e Antonio David Cattani - PPG - Sociologia -Ufrgs. As inscrições custam R\$70,00 e incluem um exemplar do Dicionário sobre Trabalho e Tecnologia e Material didático. Informações: PPGS- IFCH-Ufrgs - Bento Gonçalves, 9500, telefone 3316.6636.

ECONOMIA SOLIDÁRIA

Teoria e prática em discussão

A teoria e a prática da economia solidária estarão sendo debatidas dia 8 de novembro das 9 às 18h na Unisinos, no seminário: "Economia Solidária, Teoria e Prática". Estarão participando nomes de destaque na área, entre eles o sociólogo francês Henri Rouillé d'Orfeuil, cotado para ser o ministro da economia solidária da França, caso Leonel Jospin tivesse ganho as eleições presidenciais. Também estarão presentes Paul Singer, Marcos Arruda, Euclides Mance, Luiz

Inácio Gaiger, Domingos Donida, Armando Lisboa, Noëlle Lechat, Ana M. Sarria, Paulo de Jesus, Francisco Milanez, Lia Tiriba, Sérgio Kapron, Francisco Mazzeu e Paulo Albuquerque. As vagas são limitadas e as inscrições, obrigatórias. O evento é uma realização da Secretaria de Desenvolvimento e Assuntos Internacionais (Sedai) e Unitrabalho, com apoio da Agência de Fomento e Prefeitura de Porto Alegre. Informações: aoutraeconomia@uol.com.br.

IFES

Crise no final do governo FHC

O atraso no repasse de verbas previstas no Orçamento instituiu uma crise dentro das universidades federais nestes últimos meses do governo FHC. Há quatro meses as 53 Instituições Federais de Ensino Superior do país estão fazendo uma verdadeira "ginástica" para honrar seus compromissos com fornecedores. Segundo a coordenadora do Fórum de Pró-reitores de Planejamento e Administração da Andifes, Ilka Maria de Almeida, o governo federal não tem repassado regularmente os valores referentes ao duodécimo – um doze avos do orçamento das universidades – o que obriga as instituições a atrasar pagamentos inclusive de serviços básicos como energia elétrica e telefone.

De acordo com matéria divulgada no jornal Folha de São Paulo do dia 28 de outubro, como fatores de agravamento da crise soma-se ainda a não liberação de verbas previstas na chamada Emenda Andifes e o bloqueio da conta de recursos próprios das federais. A escassez de dinheiro está obrigando a direção das universidades a adotar medidas de economia como restrição no uso de telefone e de aparelhos de ar-condicionado. Faltam desde material de limpeza até medicamentos em hospitais universitários.

O duodécimo, que deve ser pago mensalmente até o dia 10, tem atrasado nos últimos quatro meses. "Em setembro foram liberados 30% no dia 20 e o restante no dia 30", explica Ilka, que é pró-reitora de Administração e Finanças da Universidade Federal de Goiás (UFG). Somente no dia 14 de outubro foi liberado outro percentual referente ao mês. O MEC argumenta que o problema é de "contingenciamento de verbas públicas, necessário devido à conjuntura econômica atual".

O presidente da Andifes, Mozart Neves Ramos, reitor da Universidade Federal de Pernambuco, declarou à Folha de São Paulo que teme, inclusive, a inviabilização do próximo vestibular.

PARCERIA

Estado investe em projeto de energia solar

Uma parceria da Ufrgs com a Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE) vai permitir o aproveitamento da energia solar no Estado dentro de poucos meses. O projeto Rede Sol, desenvolvido pela Escola de Engenharia da Ufrgs, foi viabilizado através de um convênio entre a universidade e a estatal de energia elétrica, assinado em maio último. Pelo acordo, a CEEE irá financiar o material de consumo e os equipamentos – algo em torno de R\$ 198 mil – enquanto a universidade desenvolverá a tecnologia para transformar energia solar em energia elétrica.

Segundo o professor Arno Krenzinger, coordenador do projeto, por enquanto a produção será muito pequena – cerca de 540 quilowatts/hora por mês – o suficiente para abastecer uma residência de aproximadamente 100 metros quadrados. Mas trata-se de uma instalação-piloto, explica Krenzinger, que ainda terá muito para se expandir. Estão envolvidos no Rede Sol, segundo informações do professor, alunos de pós-graduação – mestrado e doutorado – da engenharia mecânica da Ufrgs.

O custo de captação de energia elétrica através do sol é quatro vezes maior do que pelo sistema tradicional de hidrelétrica. Isso porque os equipamentos de conversão são muito caros e duram aproximadamente 30 anos, ao mesmo tempo em que o re-

torno financeiro do investimento demora em média 20 anos. Segundo Krenzinger, uma empresa nacional está tentando desenvolver os equipamentos no Brasil, o que deverá baratear os custos e incentivar a instalação do sistema, como forma de aliviar as hidroelétricas.

O coordenador do Rede Sol explica que a energia elétrica gerada a partir da solar vem em corrente contínua e precisa ser transformada em corrente alternada, que oferece menos risco de fatalidades. Daí a necessidade dos transformadores. Segundo ele, a produção não depende apenas de dias ensolarados, mas basta a luminosidade para que os equipamentos de captação sejam acionados. No futuro, com o desenvolvimento da energia solar, espera-se aliviar a carga das hidroelétricas durante o dia, mais uma forma alternativa de evitar novos episódios de "apagão".

Ainda não é possível, de acordo com o professor, armazenar a energia captada, porque esta é gerada e jogada diretamente na rede. Para guardar a energia produzida durante o dia para ser consumida à noite seria necessário um sistema de baterias, o que encareceria ainda mais a instalação. Segundo Krenzinger, vem crescendo no Brasil o número de residências com sistema de energia solar para o aquecimento de água, por exemplo, mas o impacto ainda é pouco

Reprodução do site www.mecanica.ufrgs.br/solar

significativo. O estado do Rio Grande do Sul tem investido em termoeletricas – a carvão e a gás – e existe ainda projetos para produção de energia eólica (vento) em andamento.

PERMACULTURA

Vida ecologicamente correta

Com a chegada do século 21, e seus problemas ecológicos em nível mundial, algumas pessoas estão buscando alternativas para se pensar a vida no planeta. Uma delas é a permacultura (prática da cultura permanente), que se apresenta como forma de interagir e ao mesmo tempo respeitar a natureza. Segundo André Luis Jaeger Soares, professor e designer em Conceitos básicos sobre permacultura, trata-se de "uma síntese das práticas agrícolas tradicionais com idéias inovadoras. Unindo o conhecimento secular às descobertas da ciência moderna, proporciona o desenvolvimento integrado da propriedade rural de forma viável e segura para o agricultor familiar". É um resumo básico do que esta prática pode proporcionar.

As práticas permaculturais são uma opção à instabilidade da monocultura, como afirma Otávio Urquiza, arquiteto chefe de um projeto de ecovilas e sócio da cooperativa de trabalho transdisciplinar Arquitetura e Cooperativismo (ARCOO). Ele diz que o permaculturismo pode ser comparado à floresta, sistema solidário onde



Fotos Cristina Lima

Projeto: Otávio Urquiza mantém experiência de permacultura no bairro Vila Nova

a cultura é permanente. "Ninguém rega, ninguém poda e está sempre vivo e produz eternamente", afirma. Daí vem o termo permacultura: cultura que é permanente.

Urquiza coordena o projeto permacultural Ecoovilas, no bairro Vila Nova, em Porto Alegre. A ecoovila (com dois o's, pois representam economia e ecologia) conta com criação de patos, coelhário, espirais de ervas e temperos (que proporcionam um ar condicionado e aromati-

zado naturalmente), telhado vivo (que funciona como isolante térmico), um bosque (com "salas" de aula para educação ambiental), lagos (para aquicultura e tratamento biológico da água), muitas outras práticas menores e outras que ainda serão implantadas. A área reservada para a ecoovila também pretende comportar cerca de 28 casas para as famílias que estão interessadas.



MILITARIZAÇÃO DAS FRONTEIRAS

EUA usam Argentina como aríete

A Argentina tem se transformado no aríete dos Estados Unidos para acelerar os compromissos militares no Cone Sul, centrando as operações na Tríplice Fronteira – Argentina, Brasil e Paraguai – onde são fechados acordos com o pretexto de combater o contrabando, o tráfico de droga e a “delinquência política”. O alerta foi dado pela socióloga argentina Victoria Casabona, que esteve em Porto Alegre no dia 17 de outubro onde falou, na sede da Adufrgs, sobre a militarização das fronteiras na América Latina.

Victoria lembrou que sob esses mesmos argumentos foram assassinados milhares de latino-americanos na época das ditaduras na América do Sul e que, baseado nisso, pode-se imaginar qual o destino desses “acordos de segurança”, feitos sem o conhecimento do povo e dos parlamentos. “Controle” e “prevenção” são palavras clássicas que figuram nos acordos de segurança que se estabelecem hoje, como o que sugeriu a Argentina para o Mercosul, semelhante aos que se desenvolveram clandestinamente durante as ditaduras militares na América Latina.

Segundo a socióloga, os EUA têm responsabilidade intelectual, de assessoria, treinamento e apoio no genocídio latino-americano e atualmente operam com forças de deslocamento rápido, task forces e outras tarefas de repressão interna em todos os países da América Latina. Basta observar as formas de repressão nas marchas sociais e o armamento habitual que utilizam, incluindo os químicos.

Para explicar o processo de militarização das fronteiras, Victoria traçou um pequeno histórico, onde afirmou que a expressão das políticas antidrogas, em termos de guerra e segurança nacional, foi desenvolvida a partir da administração Reagan (1980-1988). No governo Bush (1989) tornou-se comum exportar essa doutrina para o sul, fazendo com que as forças militares dos países produtores e de trânsito de droga – não dos países consumidores – se comprometessem com a causa antinarcótica.

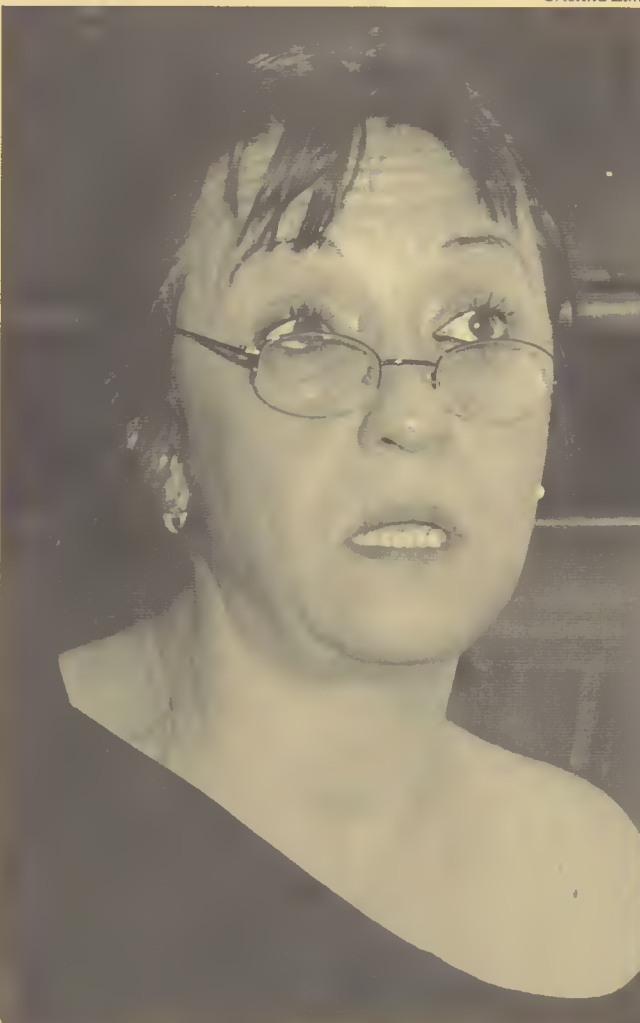
Victoria citou Martín Jelsma, perquisador do Transnational Institute, de Amsterdan, que ressaltou em um artigo que a Colômbia foi um dos primeiros países a adotar essa ideologia, aperfeiçoando-a como teoria da narco-guerrilha, mascarando as operações contra-insurgentes, fazendo-as passar por treinamentos antinarcóticos e ajuda militar. Hoje o crime paramilitar mata pelo menos 50 pessoas por dia na Colômbia e até os Estados Unidos reconheceram que não se pode acusar as guerrilhas de traficar narcóticos.

A descoberta de um enorme carregamento de drogas em um avião da Força Aérea Colombiana, na Flórida (EUA) é o melhor exemplo da cumplicidade entre militares colombianos e forças de segurança dos EUA.

Uma notícia da redação Visur (São Paulo, agosto de 2002) indica que enquanto os governos do Brasil, Panamá, Venezuela e Equador não apóiam a participação de manobras militares conjuntas ao redor da Colômbia, que o governo de Bush filho quer organizar com o presidente Uribe, ocorreria um deslocamento da força de elite de intervenção desde o Caribe e o Cone Sul.

O artigo diz ainda que na Argentina os novos pactos militares com os Estados Unidos acontecem há sete anos. No Uruguai, as ordens militares têm sido mais cautelosas, mas participaram de todos os exercícios e manobras conjuntas com os EUA. Reafirmaram velhos pactos e em duas ocasiões pelo menos (1998 e 2001) expressaram ao Pentágono a decisão de participar de uma força comum até a Colômbia.

Em 31 de julho de 2002, uma matéria de Roberto Lopes para o Jornal do Brasil assinala que o Chile começou a estudar a operação de tropas para combater a guerrilha colombiana. Trinta coronéis e tenentes da Academia



Cristina Lima

Victoria: EUA têm responsabilidade intelectual, de assessoria, treinamento e apoio no genocídio latino-americano

de Guerra chilena estudam uma operação em território colombiano, na expectativa que outros quatro países se juntem, entre eles Argentina, Uruguai e Peru.

Compromisso da Argentina

Segundo a socióloga, desde o governo Menem, os EUA vêm exigindo maior compromisso da Argentina na luta contra o terrorismo. Entretanto, é estranho que apesar das investigações exaustivas do Mosad israeli e da CIA norte-americana, não são encontrados os responsáveis e a troca exigem, sem provas concretas, que seja culpado o Irã.

Sob o argumento de combater o narcotráfico e na redefinição ideológica do papel designado aos exércitos, o velho conceito de Segurança Nacional vem a ser substituído gradualmente por uma definição de Segurança Continental. Dentro dessa perspectiva, a Argentina, no governo Carlos Menem, foi eleito o país para difundir e acelerar a implementação das novas estratégias norte-americanas, integrando a nação a um acordo Extra Otan.

Guerra de Baixa Intensidade no Cone Sul

É elemento da Guerra de Baixa Intensidade o Acordo da Tríplice Fronteira, para estabelecer um controle externo sobre os nossos países, sob instituições como a CIA, a DEA e o FBI. As operações compreendem o ingresso de tropas estrangeiras, a assessoria sem autorização do Congresso Nacional e a transformação secreta de organismos policiais ou militares em forças de elite.

Do ponto de vista militar, afirma o pesquisador holandês Martin Jelsma, a visão antinarcótica é o único veículo disponível para intensificar uma colaboração interfronteiras, embora outros temas estejam surgindo, como o terrorismo internacional e as imigrações ilegais.

A rede Eco – Uruguai, 16 de agosto de 2002 – relatou a reunião de militares latino-americanos em Montevi-

déu para receber instruções de especialistas norte-americanos em um seminário organizado pelo Comando Sul dos EUA, do qual participaram militares da Argentina, Paraguai, Chile e Uruguai. O tema da reunião era o manejo das forças armadas com as populações através da mídia.

O operativo Cabañas 2001, realizado na Província de Salta (Argentina) entre 17 de agosto e 16 de setembro, contou com a participação de 1500 militares de nove países – 464 da Argentina, 574 dos EUA, 47 do Chile e 42 militares de cada um dos seguintes países: Brasil, Bolívia, Equador, Paraguai, Peru e Uruguai. Este operativo tem um aspecto grave, que é o ingresso de tropas estrangeiras no território nacional, sem autorização do Congresso.

Além disso, o governo Duhalde protocolou na Câmara dos Deputados um projeto de lei para autorizar a entrada de tropas norte-americanas na Argentina para realizar na província de Misiones um “exercício combinado de operações convencionais de planejamento e execução”. As tropas, que deveriam chegar em 24 de outubro de 2002, tiveram os exercícios suspensos diante da reclamação de Washington de assinar um convênio de imunidade para que seus efetivos não possam ser reclamados pela Corte Penal Internacional em caso de crimes de guerra. Um convênio nesse sentido foi assinado pelo governo Uribe, da Colômbia, em setembro passado.

De qualquer forma, esse tipo de operativos militares vem sendo realizado sob a direção do Comando Sul do Pentágono, mesmo sem a autorização do Congresso.

Diante disso, a assembléia de movimentos populares do Fórum Social da Argentina repudiou as manobras militares em Misiones e Cabañas, assim como a “guerra infinita” de Bush, o Plano Colômbia, a militarização da América Latina, o pagamento da ilegítima dívida externa e as tentativas de anexação de nossos países através da Alca.

Um comunicado da agência de informação Frei Tito para a América Latina informa que em um seminário internacional organizado pelo Ministério da Defesa do Paraguai por iniciativa do Comando Sul dos EUA no Yach & Gulf Club de Assunção, do qual participaram militares da Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, EUA e Paraguai, foi acordado dar “plena autorização para que o Comando Sul coopere ativamente e dê assessoramento nas funções de segurança, defesa e desenvolvimento nos seis países do Cone Sul”.

O Plano Colômbia

Victoria Casabona falou ainda sobre o Plano Colômbia e sobre o incentivo dado pelo governo Uribe aos chefes militares que propõem a luta contra o terrorismo na América Latina. Jornais colombianos advertem para a possibilidade de um “comando militar unificado” das Américas, onde os exércitos da região se ocupariam de combater o terrorismo sob o comando dos EUA. Uma espécie de força multinacional de “deslocamento rápido”. O Plano Colômbia, que ameaça a região desde 2000, fez disparar o retorno da “guerra fria” à América Latina e avançou em 2001 para a “Iniciativa Andina” que tem permitido o ingresso de tropas norte-americanas na Guatemala e no Paraguai, além dos países do Cone Sul, como força multinacional para poder atuar na Colômbia.

A presença militar dos EUA no Cone Sul complementa o esquema de bases militares norte-americanas em Manta (Equador), Três Esquinas (Colômbia), Iquitos (Peru), Aruba (Antilhas Holandesas), Panamá, Honduras, Salvador e na ilha de Vieques (Porto Rico), bem como na Escola da Selva no Equador, onde são treinados militares brasileiros, colombianos e equatorianos.

ELEIÇÕES 2002

Lula aposta em pacto para novo desenvolvimentismo

A vitória de Lula inaugura um novo ciclo na política brasileira. Pela primeira vez na história, um representante das classes populares, um operário do setor metalúrgico, ocupará o cargo mais alto da República. Eleito com cerca de 52 milhões de votos, Lula terá pela frente o desafio de inaugurar um novo ciclo de crescimento na economia brasileira, estagnada nas duas últimas décadas por um modelo que elegeu a estabilidade monetária como objetivo estratégico central, sem conseguir, porém, impulsionar o desenvolvimento, diminuir as desigualdades sociais e garantir uma inserção minimamente soberana do país no cenário global.

Marco Aurélio Weissheimer

Os simbolismos e os significados da vitória de Lula ainda estão sendo construídos. As primeiras tentativas parecem concordar ao menos em um ponto: a chegada do PT à presidência da República abre um novo e desafiador capítulo na história do Brasil. Em sua obra "Brasil, a construção interrompida", o economista Celso Furtado afirma que "o ponto de partida de qualquer novo projeto alternativo de nação terá que ser, inevitavelmente, o aumento da participação e do poder do povo nos centros de decisão do país". A citação é empregada por José Luiz Fiori, professor de economia política da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), para analisar o significado e os desafios do futuro governo Lula. Para Fiori, após o liberalismo econômico, que nasceu em torno do Consenso de Washington e consolidou-se no Brasil com os dois governos de Fernando Henrique Cardoso, e após o nacional-desenvolvimentismo de Vargas e JK, chegou a vez de um projeto popular que nunca ocupou o poder, mas teve grande presença nas mobilizações sociais e democráticas.

Na avaliação de Fiori, o verdadeiro enfrentamento na disputa entre Lula e Serra não foi entre a modernidade dos que conseguem olhar para a frente e para fora, e o atraso dos que só conseguem olhar para trás e para dentro. "O que de fato estava

em jogo, uma vez mais, nestas eleições de 2002, era um velho conflito que atravessa a história brasileira, entre três projetos para o Brasil, que conviveram e lutaram entre si durante todo o século XX", escreve Fiori no artigo "Projeto popular de desenvolvimento é desafio para o PT", publicado no site da Agência Carta Maior.

O primeiro desses projetos, segundo Fiori, foi o berço da estratégia econômica da era FHC. Sua formulação mais consistente e moderna teria sido dada pela política monetária ortodoxa e pela defesa intransigente do equilíbrio fiscal e do padrão-ouro, dos governos paulistas de Prudente de Moraes, Campos Sales e Rodrigues Alves. Essa foi, segundo o professor da UFRJ, a expressão mais coerente e eficaz do projeto liberal de inserção da burguesia cafeeira, dentro da divisão internacional do trabalho, liderada pela Inglaterra.

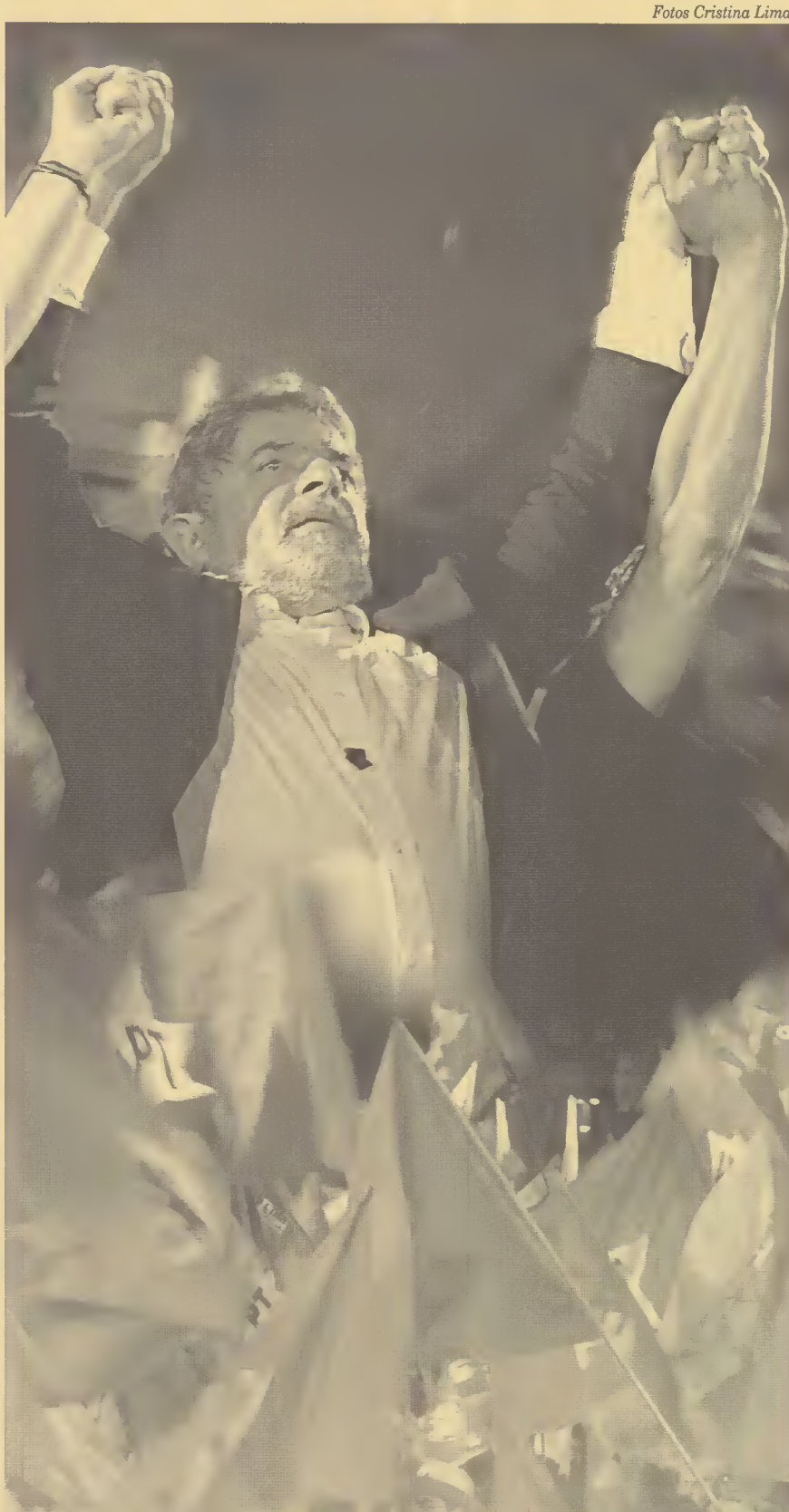
Fiori identifica as diferentes aparições desse projeto no cenário político brasileiro: a Revolução paulista de 1932 e a luta anti-varguista do Estado de São Paulo; as teses de Eugênio Gudin, na primeira metade dos anos 40, e a concepção econômica da União Democrática Nacional (UDN), depois de 1945; também aparece na política do governo militar de Castelo Branco e de seus ministros econômicos Osvaldo Bulhões e Roberto Campos; e, por fim, mais recentemente, no liberalismo anti-varguista e anti-estatista do governo FHC.

Segundo Fiori, esse projeto teve algum fôlego sempre que contou com o aval do capital financeiro, o inglês na primeira metade do século XX, e o norte-americano no final do mesmo século. Mas, observa, "se mostrou insustentável nos momentos de crise, como no caso de 1930, e agora, no fim do governo Clinton e na retração financeira deste início do século XXI".

O segundo projeto é o nacional-desenvolvimentismo, inaugurado em 1930 no governo Vargas. Esse projeto pregava a construção de uma economia nacional e foi apoiado por uma parte da intelectualidade modernista, por amplos setores das burocracias civis e militares e por um grupo de empresários industriais. Tal projeto, observa ainda Fiori, adquiriu maior consistência nos anos 50, durante os governos de Vargas e JK, prolongando-se mais tarde durante o regime militar, particularmente na gestão do general Ernesto Geisel. Nestes períodos, o Estado brasileiro teve um papel central para o sucesso econômico do desenvolvimentismo conservador.

O terceiro projeto, prossegue o professor da UFRJ, nunca ocupou o poder estatal, nem comandou a política econômica de nenhum governo republicano. Esteve presente nas lutas sindicais e no movimento tenentista das primeiras décadas do século XX e, a partir da década de 30, começou a se identificar com um projeto de desenvolvimento econômico nacional, parente do projeto desenvolvimentista conservador de Vargas e JK. Para Fiori, esse projeto teve sua formulação mais consistente em 1963, com o Plano Trienal de Celso Furtado, proposta barrada pelos setores conservadores e abortada pelo golpe militar de 1964.

Segundo José Luiz Fiori, essas idéias reformistas permaneceram vivas no movimento de resistência à ditadura e estiveram na origem do surgimento do Partido dos Trabalhadores, no início da década de 80. Na Constituição de 1988, materializaram-se nos capítulos relacionados com os direitos civis, sociais, políticos e econômicos da cidadania brasileira. Na avalia-



Fotos Cristina Lima

ção do professor da UFRJ, esses três projetos sintetizam a luta política e econômica que dividiu a sociedade brasileira durante todo o século XX. Neste contexto, o programa de Lula retoma, segundo a análise de Fiori, objetivos estratégicos reformistas dos anos 50 e 60, tensionando algumas diferenças com o modelo desenvolvimentista conservador. Isso não significa, observa, como querem alguns, uma retomada pura e simples dos ideais de Vargas e JK. "Não é sensato pensar que a história e as fórmulas possam se repetir. Mas não é nenhum anacronismo retomar velhos objetivos frustrados e reprimidos através da história para reencontrar seus novos caminhos", propõe. Aí estaria, segundo Fiori, o grande desafio do governo Lula: "quem sabe não chegou finalmente para o Brasil a hora de um projeto de desenvolvimento nacional e de uma sociedade mais democrática e inclusiva, dirigida e protegida por um Estado que se aproxima progressivamente do modelo do Welfare State dos europeus?"

Ruptura ou continuidade

Intelectual ligado ao presidente Fernando Henrique Cardoso, o professor de

filosofia José Arthur Giannotti, analisa o significado da vitória de Lula sob um outro prisma, questionando até que ponto ela representa uma ruptura com o modelo do PSDB. Em um artigo publicado na Folha de São Paulo (28/10), Giannotti pergunta se o governo de FHC e o projeto social-democrata foram derrotados com a vitória de Lula. Ele admite que o governo FHC subestimou a onda de insatisfação instalada no país principalmente durante o segundo mandato. Admite também que as condições de emprego se deterioraram e as perspectivas de desenvolvimento foram sendo sucessivamente frustradas. Por outro lado, defende que isso não significa que o eleitorado tenha sido atraído pelas teses tradicionais do PT, pela promessa de total mudança do modelo econômico.

Para Giannotti, a ruptura entre o atual e o futuro governo não será tão profunda como alguns apregoam. "Tudo parece indicar que Lula venceu as eleições porque acrescentou a seu carisma a marca da nova engenharia política de cunho social-democrata, desenvolvida na gestão de José

Dirceu", diz o professor da USP, que faz uma provocação: "o PT vitorioso não está próximo de se ajustar ao programa originário do PSDB?"

Tanto o programa de Lula quanto o de Serra, sustenta Giannotti, tinham diante de si a "tarefa de gerir o capital, enfrentando os mesmos percalços, mas pretendendo colher dos cacos e das jóias que produz a nova revolução capitalista o material de uma sociedade mais justa e mais humana". Por outro lado, reconhece uma mudança importante com a eleição de Lula: "não é apenas um antigo torneiro mecânico que se torna presidente da República; importa mais um partido, cujas raízes se alastram até as classes médias mais baixas, ser capaz de falar ao povão e atrair segmentos das classes altas." Giannotti destaca que, pela primeira vez, essas classes médias passam, por meio de instituições próprias, a participar como agentes articulados do jogo político.

A retórica "paz e amor"

O professor da USP vê com desconfiança a retórica "paz e amor", empregada por

notável capacidade, mas, também, da sua qualidade de representante dos trabalhadores, finalmente chamados a participar do governo como uma força ao lado de outras".

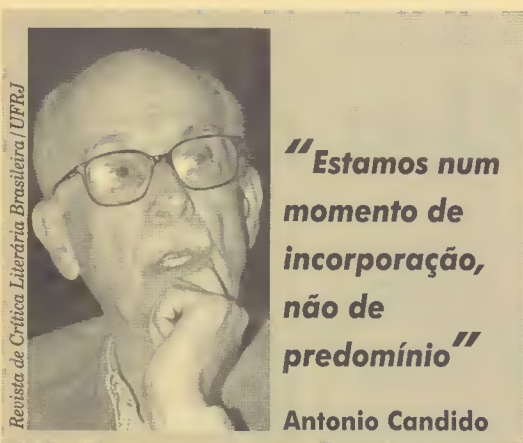
Uma experiência de frente única

A chegada do PT ao poder não implica, admite, uma "tomada do poder" pelo operariado: "é fruto de um movimento mais amplo, no qual todas as classes da sociedade reconheceram tacitamente o direito que ele tem de formar ao seu lado. Estamos num momento de incorporação, não de predomínio", conclui Antonio Candido. Na sua opinião, estamos vivendo um momento de contemporização e não de radicalização, caracterizado, entre outras coisas, por um fenômeno novo no cenário internacional: "a prepotência arrogante e a agressiva intolerância assumidas pela potência hegemônica, esses Estados Unidos que pretendem ser, cada vez mais, palmatória do mundo e fiscal armado do comportamento dos países, com base nos seus interesses econômicos disfarçados de fidelidade democrática".

Para enfrentar o que considera ser um "perigoso Leviatã", representado pela política belicista e hegemônica do governo Bush, o caminho apontado por Candido é "a união de todos no espaço nacional e das nações no espaço latino-americano". Aí aparece, segundo ele, a principal tarefa histórica do governo Lula: "a necessidade histórica de cooperação entre os grupos e os interesses, a fim de preservar o máximo de autonomia política nacional e de bom desempenho econômico, visando sempre à superação das atrozes desigualdades sociais e regionais do Brasil". Trata-se, segundo ele, de assegurar nada menos do que a nossa independência e de avançar nas conquistas sociais.

A análise de Antônio Candido admite que o governo Lula será uma experiência de "frente única", implicando colaboração das classes, cujos interesses são normalmente conflitantes. Respondendo à provocação de Giannotti, ele admite também que essa colaboração é sempre

Lula durante a campanha eleitoral. Para ele, essa retórica "nega que a sociedade seja travada por contradições irreconciliáveis, como se o interesse de alguns não contrariasse interesses dos outros". "É bem verdade", acrescenta Giannotti, "que a sociedade contemporânea não se estrutura em classes delineadas, mas isso não significa que a velha luta de classes tenha ido por água abaixo". Reconhece, por fim, que diante do crescente poder hegemônico dos Estados Unidos, se reforçam os interesses nacionais. Mas indaga: "seriam eles capazes de anular interesses de classes médias que o processo planetário de globalização tem posto em xeque?". "Se ainda estivéssemos nos expressandonos moldes do marxismo", conclui Giannotti, "o projeto de Lula teria sido tachado de pequeno burguês, aquele que concilia no imaginário contradições reais". E acrescenta, ainda em tom de provocação: o mesmo projeto se torna habermasiano quando coloca, diante de conflitos reais, o ideal de uma república constituída por anjos falantes, capazes de construir sucessivos consensos superadores da crise.



“Estamos num momento de incorporação, não de predomínio”

Antonio Candido

instável e quase sempre passageira. Contudo, ressalta, em certos momentos da história de um país, essa política pode ser não apenas possível, mas necessária. Foi justamente isso, na sua avaliação, que Lula sentiu e teve a iniciativa de assumir: "É o que devemos aceitar como instrumento de política interna e externa num momento grave, sobretudo porque ela parece viável agora, ao contrário de outras quadras." E conclui: "a vitória de Lula pode ser o começo de uma fase redentora na vida política e social brasileira, se todos nós nos esforçarmos para superar os ângulos parciais em proveito de um esforço comum, a partir do qual será possível esboçar-se um Brasil de igualdade e de liberdade, dentro da democracia efetiva."

A derrota da esquerda no RS

Se, por um lado, a esquerda brasileira obteve uma grande vitória com a eleição de Lula, experimentou também um amargo revés no Rio Grande do Sul. A derrota de Tarso Genro e a vitória de Germano Rigotto (PMDB) interrompe uma experiência que se tornou referência para a esquerda mundial. Significou a derrota de uma experiência inédita que tentou introduzir, em âmbito estadual, mecanismos de participação popular no processo de gestão pública. Sem conseguir ampliar sua base de sustentação política, a Frente Popular disputou o segundo turno das eleições sem o apoio de forças que estavam juntas com ela na eleição vitoriosa de Olívio Dutra, em 1998 (como é o caso, em especial, do PDT). Insulada politicamente, fragilizada pela derrota do atual governador em um processo interno de prévias, e tendo contra si uma poderosa coalizão de setores políticos e empresariais, a candidatura de Tarso Genro acabou sucumbindo a um candidato que se apresentou como uma espécie de terceira via.

Na verdade, pela terceira vez consecutiva, os projetos do PMDB e do PT se enfrentaram nas urnas. Conseguindo descolar-se do desgaste do governo Britto (1995-1998), a candidatura de Germano Rigotto conseguiu a façanha de, com uma roupagem nova, reunir em torno de si as mesmas forças políticas que garantiram a sua última vitória no Estado. A derrota do PT gaúcho está sendo encarada pela direção nacional do partido como uma lição a respeito das armadilhas que devem ser evitadas para impedir o isolamento político do futuro governo Lula.



“Não é sensato pensar que a história e as fórmulas possam se repetir”

José Luiz Fiori

telecomunicação o ligam a outros centros de decisão que permanecem no solo.

O turismo de massa e a queda das tarifas se traduzem por uma forte pressão sobre as condições de trabalho e sobre o nível de recrutamento. Nas linhas de “bate e volta”, a tripulação se afoba, beirando os limites da segurança, para respeitar os horários e as escalas. Em certas companhias de transporte a preços baixos, ela terá que fazer tudo: do carregamento das bagagens à limpeza. Acrescenta-se a isso um sentimento de espoliação: os centros de estudos alimentaram-se no capital de observações acumuladas durante os vôos comerciais para constituírem, progressivamente, uma ciência do vôo. O engenheiro extraiu a perícia empírica dos pilotos, cujos conhecimentos, agora, são integrados aos autômatos. O antropólogo Marcel Mauss já havia destacado: a técnica só será eficaz se reinar a confiança. Ora, no que se refere à aeronáutica, o equilíbrio dos privilégios e contra-privilégios entre inventores e usuários do progresso foi rompido. A desconfiança aumenta a vulnerabilidade cotidiana. Principalmente porque os idealizadores do totalmente-digital também são seres humanos e cometem erros que podem levar a acidentes.

Os perigos da digitalização total

Nos aviões clássicos, a pilotagem se caracterizava por sua corporeidade: comprometia todo o corpo na ação sobre os comandos, todos os sentidos na atividade de vigília. Dirigia-se à totalidade da pessoa. E essa maneira de pilotar era apenas a superfície emersa de uma verdadeira cultura, em sentido antropológico: os pilotos de carreira formavam uma quase comunidade etnológica, com suas hierarquias sociais (ligadas ao número de horas de vôo, ao prestígio dos aparelhos e das linhas); com seus locais de socialização e seus rituais de iniciação; com seus modos de transmissão oral das experiências do trabalho em linha, das aventuras vividas, dos incidentes e das soluções inventadas. Hoje, aos olhos da racionalidade técnica, o saber dos antigos não tem valor e uma longa experiência dos cockpits clássicos pode até entrar a aprendizagem da novidade.

O exemplo da aeronáutica permite prever o papel que assumirá uma digitalização que se estenda a todos os âmbitos de nossa vida cotidiana. Num universo em que nada poderia escapar à medida e ao número, os domínios que ignoram a quantificação – a consciência, os valores – deixam de ter direito à existência. Não só a digitalização facilita a tomada de poder dos engenheiros sobre o saber de outros cidadãos, como também, e principalmente, nega qualquer possibilidade de existência de uma outra compreensão do mundo, de um outro projeto de sociedade. O que separa os engenheiros projetistas e os operadores chamados para aplicar suas invenções? Certamente, uma divergência de interesses: eles entram em conflito para saber quem deve definir a sociedade de amanhã, quem deve dirigir suas transformações. Mas, em primeiro lugar, duas experiências do real, duas culturas quase incomunicáveis.

Uma rede de vigilância informática

Para os engenheiros dos centros de estudos, a totalidade do universo físico e humano pode e deve ser explicada por leis

físico-matemáticas. Um processo de decomposição da realidade em elementos simples permitiria a construção de uma sociedade menos vulnerável: por exemplo, para a aviação, a realização de um vôo sem perigo.

Ora, tudo se revela interdependente; ao decompor, e, portanto, ao introduzir descontinuidades, criam-se às vezes outros riscos. O atentado terrorista de 11 de setembro de 2001 é revelador dos perigos corridos por causa do procedimento cartesiano clássico. Ele descompôs os domínios de ameaça, mas em dois universos distintos, um civil e um militar. Os construtores aéreos desenvolveram pesquisas visando melhorar a segurança, mas apenas para os passageiros e tripulantes: de fato, tornou-se raro um desvio de avião acabar mal. Paralelamente, o exército havia desenvolvido sistemas de defesa antimísseis. Mas as duas providências não se encontraram. Nunca se cogitou, seriamente, que um avião civil de passageiros pudesse se transformar em míssil de destruição em massa.

A segurança se inspira na organização taylorista do trabalho em usina. A organização do céu segue o modelo experimentado - de linhas e intervalos horários - que os engenheiros de comunicação implantaram há dois séculos. No desenrolar de cada vôo pululam imprevistos que fogem desse sonho de perfeição: bastou um pedaço de ferro esquecido na pista para derrubar um Concorde... Pensa-se dominar o “fator humano” – quer dizer, o piloto, designado como a fonte maior de acidentes – colocando-lhe as amarras dos regulamentos e envolvendo-o com uma rede de ajudas e vigilâncias informáticas. Como Argos, ele é revestido de uma pele coberta de sensores cada vez mais numerosos, de sondas e outros alarmes; desse modo, como o príncipe de cem olhos do mito grego, ele deveria ver tudo. Mas, às vezes, o resultado é o inverso: o excesso de segurança pode embotar seu espírito crítico. É o que indicam também as observações sobre a Segurança Rodoviária: dirigir carros torna-se tão confortável e tranqüilo, que a vigilância do motorista é embotada. E Argos, adormecido, pode ser atingido.

A mercantilização do cotidiano


De modo mais amplo, para nosso futuro cotidiano, os discursos de acompanhamento do progresso continuam sendo enunciados truncados, que negam conflitos entre visões do mundo e entre interesses. A perfeição técnica é apenas um belo conto infantil, porque a carapaça de invulnerabilidade com que pretende nos envolver está esburacada por imperfeições. Não se trata, aqui, de contestar a competência e a seriedade dos idealizadores nem a qualidade de suas criações. Esforços consideráveis são mesmo empreendidos periodicamente pelos centros de estudo para integrar o ponto de vista dos destinatários do desenvolvimento técnico. Mas ainda estamos muito longe do que seria desejável: a “co-invenção” de cada aplicação técnica importante por seus futuros usuários.

O totalmente-digital reforça a dinâmica dominante: mercantilização do cotidiano, divisão social e desigualdades planetárias que se aprofundam de forma extrema. Um abismo cultural se cava entre os idealizadores da modernidade e as populações. A caminho da felicidade tecno-mercado lógica como única cultura mundial, perdemos nossas raízes culturais. Convocados a nos comportar como máquinas perfeitas, dialogando com outros autômatos, não sabemos mais o que é próprio do homem. Estamos ameaçados em nossa própria humanidade!

Tradução: Fábio de Castro

* Diretor de pesquisa no Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS), autor de Un anthropologue chez les automates. De l'avion informatisé à la société numérisée, ed. PUF, Paris, 2001.

PRESTAÇÃO DE CONTAS

		ADUFRGS – ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA UFRGS	
		CNPJ-MF Nº 90.757.204/0001-64	
BALANCETES – VALORES MENSAIS - 2002			
RUBRICAS / MESES		JUL	
ATIVO		1.988.113,67	
FINANCEIRO		1.739.732,55	
DISPONÍVEL		241.789,90	
CAIXA		7.080,70	
BANCOS		62.414,52	
APLICAÇÕES C/LIQUIDEZ IMEDIATA		172.294,68	
REALIZÁVEL		1.497.942,85	
APLICAÇÕES FINANCEIRAS CURTO PRAZO		1.492.720,69	
APLICAÇÕES FINANCEIRAS		1.492.720,69	
CRÉDITOS A REALIZAR		5.221,96	
DEVEDORES		0,00	
ADIANTAMENTOS A FUNCIONÁRIOS		2.943,37	
ADIANTAMENTOS A FORNECEDORES		842,00	
IMPOSTOS E CONTRIB. SOCIAIS A RECUPERAR		632,64	
OUTROS DEVEDORES OU CRÉDITOS		0,00	
PRÊMIOS DE SEGURO A VENCER		803,95	
ATIVO PERMANENTE		248.381,12	
IMOBILIZADO		242.249,97	
BENS MÓVEIS		77.484,86	
BENS IMÓVEIS		197.187,83	
REFORMAS EM ANDAMENTO		45.108,16	
(-)DEPRECIACÕES ACUMULADAS		77.530,88	
DIFERIDO		6.131,15	
SISTEMAS PROCESSAMENTO DADOS		9.489,78	
(-)AMORTIZAÇÕES ACUMULADAS		3.338,63	
PASSIVO		1.911.954,47	
PASSIVO FINANCEIRO		22.334,61	
OBRIGAÇÕES OPERACIONAIS		5.502,24	
OBRIGAÇÕES FISCAIS E SOCIAIS		3.946,96	
OBRIGAÇÕES COM O PESSOAL		0,00	
OBRIGAÇÕES DIVERSAS		776,00	
CREDORES DIVERSOS		779,28	
OBRIGAÇÕES PROVISIONADAS		16.832,37	
PROVISÕES P/ENCARGOS C/PESSOAL		16.832,37	
SALDO PATRIMONIAL		1.889.619,86	
ATIVO LÍQUIDO REAL		608.950,40	
SUPERAVIT ACUMULADO		1.280.669,46	
ADUFRGS – ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA UFRGS		FOLHA 2	
RUBRICAS / MESES		JUL	ACUMULADO
RECEITAS		95.512,53	689.957,17
RECEITAS CORRENTES		81.559,36	549.542,22
RECEITAS DE CONTRIBUIÇÕES		81.559,36	549.542,22
RECEITAS PATRIMONIAIS		13.288,82	116.653,82
RECEITAS FINANCEIRAS		13.288,82	116.653,82
RECEITAS DE ATIVIDADES SINDICAIS		194,35	17.405,21
PARTICIPAÇÕES EM AÇÕES COLETIVAS		194,35	17.405,21
OUTRAS RECEITAS		470,00	6.355,92
RECUPERAÇÃO DE DESPESAS		220,00	3.825,18
OUTRAS RECEITAS		250,00	2.530,74
DESPESAS		82.452,04	613.802,68
DESPESAS CORRENTES		82.452,04	613.802,68
DESPESAS COM CUSTEIO		30.952,85	231.972,17
DESPESAS COM PESSOAL		13.829,51	87.131,00
DESPESAS COM OCUPAÇÃO E SERVIÇOS		7.489,42	79.144,75
DESPESAS DE EXPEDIENTE		7.037,09	42.816,52
DESPESAS C/IMPOSTOS/TAXAS/ÔNUS DIVERSOS		330,98	4.261,95
DESPESAS LEGAIS		0,00	1.026,84
DESPESAS DE CONSERVAÇÃO E MANUTENÇÃO		479,83	5.693,56
DEPRECIACÕES E AMORTIZAÇÕES		1.086,11	9.047,19
DESPESAS GERAIS DE ADMINISTRAÇÃO		689,11	2.647,24
ENCARGOS FINANCEIROS		30,90	203,12
DESPESAS COM ATIVIDADES ASSOCIATIVAS		30.270,76	239.770,93
DESPESAS COM VEICULAÇÃO		1.180,00	5.788,00
DESPESAS COM VIAGENS		4.128,95	63.825,68
DESPESAS COM ATIVIDADES SÓCIO-CULTURAIS		892,00	6.969,00
DESPESAS C/ATIVID. POLÍTICO-ASSOCIATIVA		8.977,31	32.690,80
DESPESAS COM PUBLICAÇÕES		17.082,50	118.028,50
DESPESAS DIVERSAS ASSOCIATIVAS		0,00	12.488,95
TRANSFERÊNCIAS CORRENTES		21.228,43	142.059,58
CONTRIBUIÇÕES PARA A ANDES		17.183,82	114.803,35
CONTRIBUIÇÕES PARA A CUT		4.044,61	27.256,23
RESULTADO LÍQUIDO DO MÊS		13.060,49	76.154,49
RESULTADOS ACUMULADOS DO EXERCÍCIO		76.154,49	76.154,49
ADUFRGS – ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA UFRGS – FÓRUM MUNDIAL DE EDUCAÇÃO		FOLHA 3	
RUBRICAS / MESES		JUL	ACUMULADO
RECEITAS NÃO OPERACIONAIS		0,00	2.830,44
FÓRUM MUNDIAL EDUC. RECEITAS DE INSCRIÇÕES		0,00	1.620,00
ESTORNO DESP. PENDENTES COMPROVAÇÃO EM 2001		0,00	1.210,44
DESPESAS NÃO OPERACIONAIS		0,00	2.825,73
CONDUÇÕES URBANAS – F.M.E.		0,00	0,00
CPMF – F.M.E.		0,98	10,66
DESPESAS C/INFRA-ESTRUTURA – F.M.E.		0,00	0,00
DESPESAS C/ESTADIA E HOSPEDAGENS – F.M.E.		0,00	0,00
DESPESAS BANCÁRIAS – F.M.E.		0,00	40,00
DESPESAS C/LOCAÇÕES – F.M.E.		0,00	0,00
DESPESAS C/PASSAGENS – F.M.E.		0,00	0,00
DESPESAS C/SEGURANÇA – F.M.E.		0,00	0,00
DESPESAS DE ALIMENTAÇÃO – F.M.E.		0,00	0,00
GASTOS C/COMBUSTÍVEIS – F.M.E.		0,00	0,00
MATERIAL DE EXPEDIENTE – F.M.E.		0,00	491,25
PREVIDÊNCIA SOCIAL – F.M.E.		0,00	0,00
PROPAGANDA E PUBLICIDADE – F.M.E.		0,00	2.283,82
SERVIÇOS DE TERCEIROS – F.M.E.		0,00	0,00
DESPESAS PENDENTES DE COMPROVAÇÃO		0,00	0,00
RESULTADO LÍQUIDO DO MÊS		0,00	4,71
RESULTADOS ACUMULADOS DO EXERCÍCIO		4,71	4,71
RUBENS C. V. WEYNE PRESIDENTE		NINO H. FERREIRA DA SILVA CONTADOR – CRC/RS Nº.14418	

FÓRUM SOCIAL MUNDIAL

III Acampamento da Juventude prioriza discussão política

Fotos Cristina Lima



Uma grande festa, com convidados vindos de todo o mundo. Jovens que juntos trocam experiências, conhecem gente nova, ouvem música e se divertem. É exatamente isso que o III Acampamento da Juventude não quer ser. Seus organizadores estão preocupados com um problema importante: é preciso politizar a “galera”, fazer com que os 30 mil jovens que virão a Porto Alegre em janeiro saiam daqui sabendo um pouco mais sobre o que está acontecendo no Fórum, quais os principais temas debatidos, e as alternativas reais para a construção de um outro mundo possível. Para tanto, algumas alterações estão sendo programadas, entre elas a forma de funcionamento da rádio do acampamento, que poderá ter em sua programação notas sobre os temas discutidos no dia. Também está prevista a publicação de um jornal de 30 mil exemplares com os principais conceitos discutidos no Fórum. Para prevenir e tratar de ter aqui uma massa mais crítica de participantes do evento, os organizadores têm salientado em seus convites às delegações que não se trata de participar do acampamento, e sim de construí-lo.

E quem são esses jovens que vêm do mundo todo para Porto Alegre, o que pensam e que causas defendem? André Mombach, um dos organizadores do evento, define: “A juventude não é um estado de espírito, não é uma faixa etária, mas essencialmente é quem vive os problemas quotidianos da juventude, sejam eles da exclusão da perspectiva do trabalho ou conflitos com o mundo no sentido da sua inserção”. Ele lembra que, hoje os jovens são uma importante força dos movimentos de luta antiglobalização econômica, presentes em todos protestos pelo mundo a fora. São jovens que muitas vezes não identificam-se como movimento de juventude e se organizam, para Mombach, não de formas hierárquicas e verticais e sim pautados a partir de uma horizontalidade e de ações práticas diretas. “Isso traz uma grande complexidade para o acampamen-

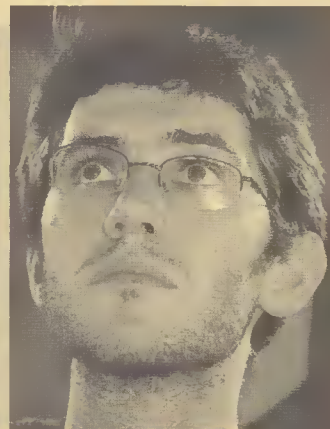
to: como lidar com estas juventudes?”, pergunta Mombach.

A avaliação é de que o Acampamento Internacional da Juventude é um sucesso. Tem crescido tanto que em certos aspectos chega a rivalizar com o Fórum Social Mundial. Gerador de imagens, de eventos chamativos em seus diversos ambientes de convivência, acaba atraindo mais atenção da imprensa, principalmente a local, do que os eixos de discussão. É também por isso que sua próxima edição deverá ter esse incremento da discussão política, tratando dos temas debatidos no Fórum.

Não só em importância, o acampamento cresce também em dimensões. Em 2001, ano de estréia do FSM, a organização esperava, na melhor das hipóteses, 1,5 mil pessoas. O número de acampados chegou a mais de 2,4 mil. Em 2002 inscreveram-se dez mil jovens. Acamparam 15 mil, sendo que, no fim de semana do acampamento, o número chegou a 17 mil e uma circulação de 45 mil pessoas. Para 2003, uma estrutura está sendo preparada para receber 30 mil jovens. Também de mais lugares tem vindo gente a Porto Alegre. No primeiro ano, contou-se com delegações de 13 países de dois continentes. No segundo foram 43 dos cinco continentes.

André Mombach:

“A juventude não é um estado de espírito, nem uma faixa etária”



Forumzinho cresce e se organiza melhor

O Forumzinho Social Mundial, evento paralelo ao FSM, que teve sua primeira edição em 2002, ganha terreno e já tem programação para 2003. As preparatórias para o evento estão acontecendo desde a Semana do Meio Ambiente, em junho. Há poucas semanas, cerca de 25 mil pessoas participaram de uma preparatória realizada no Jardim Zoológico, em Sapucaia do Sul. Dia 10 de novembro, acontecerá outra, na Casa de Cultura Mário Quintana e no dia 15 do mesmo mês mais uma será feita no DC Navegantes. A coordenadora do evento, Valéria Viana, garante que o segundo Forumzinho estará melhor organizado, com mais estrutura proporcionada por uma parceria feita com o governo do Estado. “Temos uma parceria boa também com a

Unicef, com o conselho da terra, com a prefeitura de Porto Alegre, através do gabinete do prefeito. Hoje em dia todo mundo é amigo do Forumzinho, nosso trabalho já é bem aceito e reconhecido”, afirma Valéria.

Para nortear o projeto os organizadores adotaram a “Carta da Terra”. Por isso, o evento começará dia 22 de janeiro, dentro do Fórum Mundial de Educação, com o Fórum “Vivemos juntos: conhecer e viver a carta da terra”. Neste fórum estarão presentes educadores que trabalham com a carta e que farão parte de uma grande mesa no dia 22. O objetivo será educar futuros professores. Junto acontecerá o primeiro encontro internacional de contadores de história, para formar adultos que estejam interessados em ajudar no projeto.

Para dar ao evento status internacional, Valéria viajará este mês para a Europa. Percorrerá o continente buscando informação, educadores e pessoas do meio que queiram participar do Forumzinho. A intenção é trazer para Porto Alegre cerca de 900 contadores de histórias. Segundo Valéria, o evento não se preocupa somente com as discussões dos problemas atuais, mas também com as pessoas que discutirão os problemas futuros, as crianças.

Valéria explica que o Forumzinho foi criado para “dar visibilidade a trabalhos que já estavam sendo feitos em espaços formais de educação e em comunidades, mas que não estavam sendo reconhecidos. Esses trabalhos envolvem oficinas e projetos, e as crianças como sujeitos provocadores do conheci-

mento e descobertas”. A criação do Forumzinho aconteceu através da união destes educadores que não tinham o reconhecimento merecido. Foi formada uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip), com educadores de diversas áreas, que fazem projetos conjuntos, transdisciplinares. “A gente propõe isso para escolas e comunidades pobres, sem condições financeiras”, explica.

A infra-estrutura do evento em 2002 contou com uma feira de livro e brinquedos, o espaço “criança fazendo arte” (artes plásticas), o espaço “multi-mails” (internet) e 80 oficinas diárias que atenderam, em média, 2,5 mil crianças, de seis a 14 anos. Pela iniciativa, o Forumzinho foi indicado ao prêmio Educação Pela Paz 2002 da Unesco.



HISTÓRIA

A verdadeira dívida externa

A conferência dos chefes de estado da União Européia, Mercosul e Caribe, ocorrida em maio, em Madri, viveu dois momentos surpreendentes. O primeiro por causa da desatenção dos presidentes do México, Vicent Fox, e do Brasil, Fernando Henrique Cardoso. No intervalo de uma sessão os dois conversaram com franqueza e desancaram os EUA que, segundo FHC, "fala muito e faz pouco". Não sabiam que os microfones de uma estação de TV estavam ligados, e assim, apanhados no contra-pé, admitiram a gafe.

Mas surpresa mesmo tiveram os chefes de Estado europeus, que ouviram perplexos e calados um discurso irônico, cáustico e de exatidão histórica que lhes fez Guaicaúpo Cuatemoc, cacique de uma nação indígena da América Central. Eis o discurso: "Aqui estou eu, descendente dos que povoaram a América há 40 mil anos, para encontrar os que a encontraram só há 500 anos. O irmão europeu da aduana me pediu um papel escrito, um visto, para poder descobrir os que me descobriram. O irmão financista europeu me pede o pagamento, com juros, de uma dívida contraída por um Judas, a quem nunca autorizei que me vendesse.

Outro irmão europeu me explica que toda dívida se paga com juros, mesmo que, para isso, sejam vendidos seres humanos e países inteiros sem pedir-lhes consentimento. Eu também posso reclamar pagamento e juros. Consta no Arquivo das Índias que somente entre os anos 1503 e 1660 chegaram a São Lucas de Barrameda 185 mil quilos de ouro e 16 milhões de quilos de prata provenientes da América. Terá sido isso um saque? Não acredito porque seria pensar que os irmãos cristãos faltaram ao Sétimo Mandamento!

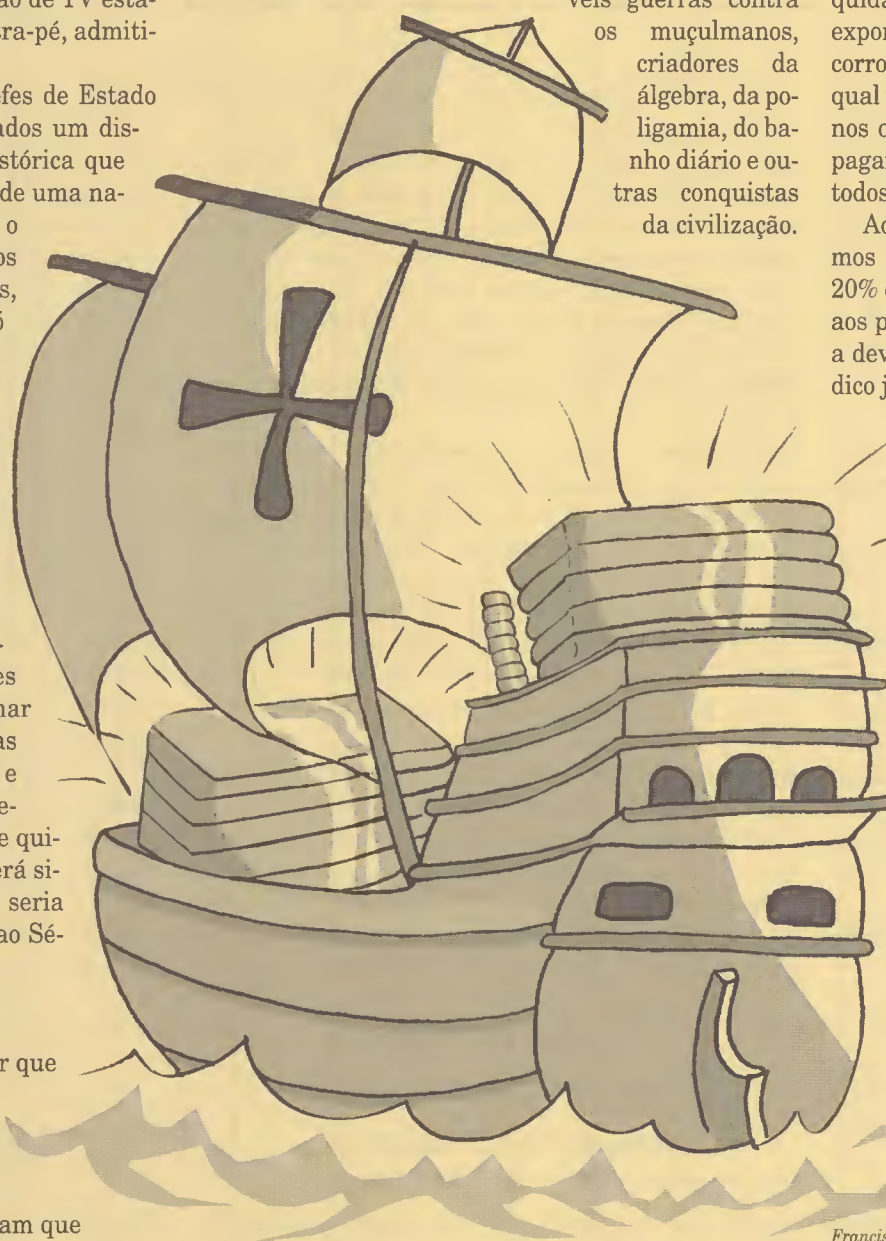
Teria sido espoliação?

Guarda-me Tanatzin de me convencer que os europeus, como Caim, matam e negam o sangue do irmão. Teria sido genocídio? Isso seria dar crédito aos caluniadores, como Bartolomeu de Las Casas ou Arturo Uslar Pietri, que afirmam que a arrancada do capitalismo e a atual civilização européia se devem à inundação de metais preciosos retirados das Américas!

Não, esses 185 mil quilos de ouro e 16 milhões de

quilos de prata foram o primeiro de outros empréstimos amigáveis da América destinados ao desenvolvimento da Europa. O contrário disso seria presumir a existência de crimes de guerra, o que daria direito a exigir não apenas a devolução, mas indenização por perdas e danos. Prefiro pensar na hipótese menos ofensiva. Tão fabulosa exportação de capitais não foi mais do que o início de um plano "Marshalltesuma", para garantir a reconstrução da Europa arruinada por suas deploráveis guerras contra

os muçulmanos, criadores da álgebra, da poligamia, do banho diário e outras conquistas da civilização.



Francisca Braga

Para celebrar o quinto centenário desse empréstimo, poderemos perguntar: Os irmãos europeus fizeram uso racional, res-

ponsável ou pelo menos produtivo desses fundos? Não. No aspecto estratégico, dilapidaram nas batalhas de Lepanto, em navios invencíveis, em terceiros reicheis e outras formas de extermínio mútuo, sem um outro destino a não ser terminar ocupados pelas tropas estrangeiras da Otan, como no Panamá, mas sem Canal.

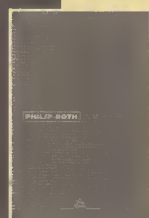
No aspecto financeiro foram incapazes, depois de uma moratória de 500 anos, tanto de amortizar o capital e seus juros, quanto de independerem das rendas líquidas, as matérias-primas e a energia barata que lhes exporta e prove todo o Terceiro Mundo. Esse quadro corrobora a afirmação de Milton Friedman, segundo a qual uma economia subsidiada jamais pode funcionar, e nos obriga a reclamar-lhes, para o seu próprio bem, o pagamento do capital e dos juros que temos demorado todos estes séculos em cobrar.

Ao dizer isto, esclarecemos que não nos rebaixaremos a cobrar as mesmas vis e sanguinárias taxas de 20% e até 30% de juros que os irmãos europeus cobram aos povos do Terceiro Mundo. Nos limitaremos a exigir a devolução dos metais preciosos, acrescida de um módico juro fixo de 10%, acumulado apenas durante os últimos 300 anos, com 200 anos de graça. Sobre esta base, e aplicando a fórmula européia de juros compostos, informamos aos descobridores que eles nos devem 185 mil quilos de ouro e 16 milhões de quilos de prata, ambas as cifras elevadas à potência de 300 – isso quer dizer um número para cuja expressão total seriam precisos mais de 300 cifras, e que supera amplamente o peso total do planeta Terra. "Muito peso em ouro e prata... Quanto pesariam calculadas em sangue? Admitir que a Europa, em meio milênio, não conseguiu gerar riquezas suficientes para pagar esses módicos juros, seria como admitir seu absoluto fracasso financeiro e a demência e a irracionalidade dos conceitos capitalistas.

Tais questões metafísicas, desde já, não nos inquietam, índios americanos. Porém, exigimos a assinatura de uma carta de intenções que discipline aos povos devedores do Velho Continente e que os obrigue a cumpri-la, sob pena de uma privatização ou conversão da Europa, de forma que lhes permita entregar suas terras, como primeira prestação da dívida histórica..."

Baseado em texto disponível no site www.farolbrasil.com.br/recortes/indio_surpreende.htm atribuído ao Jornal do Comércio (Recife/PE - 21/05/2002)

ORELHA



A Marca Humana

Philip Roth
Ao lado de Pastoral Americana e Casei com um comunista, A Marca Humana compõe uma grande trilogia do escritor norte-americano Philip Roth sobre a vida nos Estados Unidos do pós-guerra. Trata-se do tema principal deste que é um dos grandes ficcionistas da atualidade: indivíduos de "grande vigor moral e intelectual" são assolados por forças históricas fora do controle. Companhia das Letras, 465p.



Contos de Oficina 29

Luiz Antônio de Assis Brasil (org)
Histórias de 15 jovens escritores que participaram da Oficina de Criação Literária da PUC/RS. São eles: Adriana Oliveira, Alexandre Dutra, Ana Luz, Ana Paula Jung, André Mags, Artur José Pinto, Carlos E. Spohr, Cristina Piccoli, Heitor Schmidt, Helga Kern, Leandro Dóro, Liziane Guozina, Lu Adams, Melissa de Menezes e Peter S. Krause. WS Editor. R\$ 15,00




Um Caso Complicado


Kleber Boelter
Peter Bullet é um detetive particular que vive em Nova Iorque, tem um escritório onde atende "belas loiras platinadas" ou "lindas morenas melífluas". É durão com os bandidos e consegue manter-se vivo seguindo o lema de seu amigo Joe "Gun" Elroy: "Não se iluda, Peter: todo mundo está tentando matá-lo o tempo todo". Um romance ágil e inquietante. Mais informações em www.detetivepeter.com.br R\$ 35,00

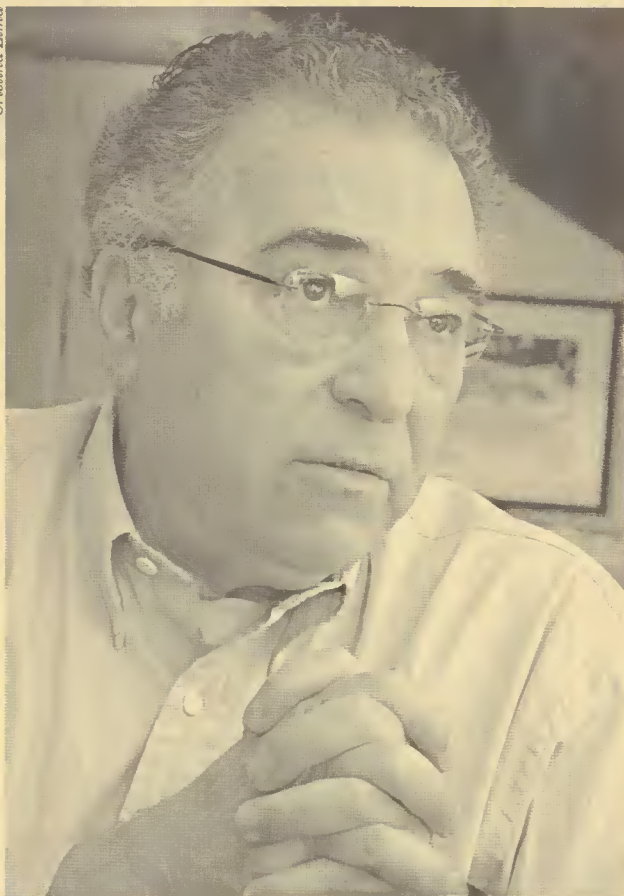
WWW

Permacultura

 www.permacultura.org.br
Sítio da Rede Brasileira de Permacultura. Destaque para a Agrede que possui recursos como: busca, lista de e-mails e links para os institutos permaculturais do Brasil.

Feira do Livro

 www.feiradolivro-poa.com.br
Sítio da 48ª feira do livro. Acesse e se informe sobre o evento e suas atrações.



Ostermann: "A crise econômica é muito severa e restringiu muito a capacidade de investimento neste campo da cultura"

"A Feira devolve o centro à cidade"

Jornalista, escritor, comentarista esportivo, Rui Carlos Ostermann foi escolhido recentemente patrono da 48ª Feira do Livro de Porto Alegre. Personagem conhecido de muitas das edições da feira, de onde tradicionalmente transmite seu programa Gaúcha Entrevista, Ostermann promete emprestar toda sua energia para o encargo. E não só nos dias do evento. Semanas antes, já estava envolvido na organização, dando idéias e se empenhando em realizá-las. Algumas delas ele antecipa na entrevista a seguir.

Jéferson Assunção

ma de *paper* e transforme numa edição da feira do livro. Então, a cada nova Feira do Livro, no mínimo antecedendo a ela, a gente poderia também estar oferecendo a todos os companheiros da feira e a todos os que se relacionam com ela o testemunho da feira anterior, na forma deste documento, deste livro, com a chancela da feira do livro. Eu acho que isso é possível, e vou batalhar por isso. Claro que é difícil, mas eu já percebi uma boa vontade muito grande em relação à idéia.

Adverso - Qual sua expectativa em relação a essa feira?

Ostermann - Estamos atravessando um momento muito difícil. O processo eleitoral vai passar, de algum modo, por dentro da feira. Se vai produzir benefícios ou trazer entraves, eu não sei. A verdade é que eu acho que nós estaremos todos diante de uma circunstância nova. Isso pode favorecer bastante. Mas a crise econômica é muito severa e restringiu muito a capacidade de investimento neste campo da cultura e eu temo um pouco que as pessoas estejam com dificuldades de adquirir os livros.

Adverso - Os descontos foram um ponto polêmico na feira do ano passado. Continua, neste?

Ostermann - Isso ainda é mais da política da feira, de que eu ainda vou, em reuniões, me assegurar e até, se possível, fazer alguma intervenção. Mas eu penso que a experiência passada, mesmo que ela tenha sido um pouco conflituada, acabou determinando que presidisse

ma, na medida em que, durante o período da sua instalação, que antecede em duas semanas ao início, e até logo depois de algum modo o centro fica revestido de outro significado e é ocupado por outra população. Até se devolve àqueles que transitam culturalmente na cidade esse espaço. Só que naturalmente a feira não pode ter a duração de um ano. Não pode ter meses. Tem que ser reduzida porque ela é muito cara, ela implica em um investimento muito grande de parte dos livreiros, que precisam manter suas livrarias abertas e abrir as barracas também. Além do mais é uma feira que abre às 3h e fecha às nove, dez horas da noite, todos os dias neste período. Então ela é extremamente desgastante e tem uma exigência magnífica, que é física também, além de intelectual. Então é uma pena que ela não possa se prolongar, porque se pudesse seria uma das atividades que poderiam revitalizar a praça, devolvê-la à cidade, devolvê-la ao usufruto do cidadão.

Adverso - Ao mesmo tempo, essa é uma feira que ultrapassa os limites do centro da cidade e acaba tendo impacto em todo o Estado. Com o senhor vê esse aspecto?

Ostermann - Essa é a maior feira ao ar livre da América Latina. Isso é uma coisa fantástica, extraordinária. Nós tivemos essa iniciativa de pioneiros, como os Bertaso, os Böeck, Rosemblat e que foram visionários, ainda com jornalistas que na época tinham muita importância nessas questões todas, como Paulo Fontoura Gastal. Essas pessoas todas trouxeram para a feira uma proposta que era surpreendente. Muita gente não acreditava naquilo de botar estandes na praça. Então foi meia-dúzia de coisas. Mas depois se percebeu que não e, então, acaba sendo isso que ela é hoje: uma feira de extraordinária importância, de repercussão internacional e reconhecimento em toda a parte. Tenho recebido manifestações de todo o Brasil e do exterior, verdade que de amigos, pessoas ligadas de algum modo ao livro, mas são manifestações calorosas. Entendo que este cargo de patrono, que é um encargo, é uma das coisas mais valiosas que a literatura pode oferecer a um homem que lida com ela. Esta é a importância da feira, que exerce um enorme fascínio sobre outras feiras. O problema é que ela depende do livreiro, do distribuidor, de uma massa crítica de escritores, ensaístas, professores, de universidades, de bibliotecas públicas, depende desse conjunto que se harmoniza e converte para este ponto de interesse que a gente poderia sinalizar com o livro ou com o objeto cultural. E veja que não há editores de fora, só há editores gaúchos, que foi sempre uma política cultural não-excludente, mas ao contrário integradora do grande esforço que se faz aqui. Então, a gente não tem equivalente disso em outros lugares, mesmo no Rio Grande do Sul. E há o fato de que em quase todas as cidades de significado do Rio Grande do Sul já existem feiras do livro e o povo começa a dar importância a isso, que é uma oportunidade de colocar as pessoas em contato mais livre com o livro, de maneira menos ritualística, menos retórica.

"Vamos, por exemplo, prestar uma homenagem ao professor Gerd Bornheim"

a tudo isso um bom senso. Acho que nós temos que partir da idéia de que o livro na feira é uma oferta, de que o livro na feira é um atrativo, é um convite. Então, a gente tem que oferecer uma coisa diferenciada da livraria. Ele é diferenciado, mas quem sabe a gente possa manter os descontos de 20% e estabelecer critérios, que podem ser variados. Mas que haja sempre desconto, e tão grande quanto ele possa ser.

Adverso - Qual é a importância da feira nesse discurso em favor do livro?

Ostermann - A feira, a exemplo de tantas outras iniciativas, tem contra si um episódio, que a gente pode visualizar na própria Praça da Alfândega. A praça, salvo um ou outro episódio, ao longo de todo o ano, não é desfrutável. Ela apresenta algumas dificuldades. Lá está o Margs, lá está a memória do Rio Grande, está o Santander criando um espaço culturalmente valioso. Mas ela ainda é um espaço sem a valorização que os centros das cidades perderam em todo o mundo americanizado. Ao contrário, os centros das grandes cidades européias são magníficos. O nosso entra em decadência pela natureza do seu aproveitamento, que é muito americano, do shopping, do comércio... Mas a feira atenua este proble-

AD verso - **O que representa para o senhor ter sido escolhido patrono da 48ª Feira do Livro de Porto Alegre?**

Rui Carlos Ostermann - Essa foi uma escolha muito honrosa, que dignifica muito quem trabalha com esta questão do livro, como o livreiro, o distribuidor, sobretudo o leitor. E ela é honrosa também pelo fato de que nós temos já um grupo selecionado previamente através de consultas, designados como patronáveis, ou seja, suscetíveis de serem patronos. E em meio a estes, a escolha que fizeram de mim me deixa muito lisonjeado. Ao mesmo tempo estabelece de imediato uma cumplicidade que eu sempre tive com a feira do livro, agora oficial, pois tenho que me dedicar oficialmente ao exercício dessa cumplicidade.

Adverso - Quais serão suas atividades como patrono?

Ostermann - Sempre na minha vida, para todas as coisas que eu aceitei fazer, nunca pedi nada. Sempre fui escolhido ou circunstâncias me empurraram para certas atividades, algumas delas muito difíceis, algumas delas extremamente prazerosas, como é esta, agora. Mas em todas essas minhas incumbências sociais, políticas e culturais sempre me dediquei integralmente a isso para o qual fui escolhido. E não será diferente com a condição de patrono.

Adverso - O senhor pretende ser um patrono ativo...

Ostermann - Ativo. O que eu chamo de tarefeiro. Eu já fiz várias sugestões ao pessoal que organiza a feira, e eles são muito competentes, mas até pela condição de patrono, talvez, ou porque as idéias não eram tão más, elas foram bem aceitas. Nós vamos, por exemplo, prestar uma homenagem, com uma mesa dentro da feira, ao professor Gerd Bornheim, que morreu em setembro vítima de câncer e que foi um dos grandes pensadores brasileiros. E certamente deixou aqui legiões e legiões de pessoas que o conheceram ou até tiveram o privilégio de estar na sala de aula com ele. Um homem dessa envergadura, desse porte e dessa importância, não poderia deixar de ser homenageado na feira do livro dentro de tantas homenagens que a feira necessariamente faz. Então essa foi uma iniciativa minha. Nós vamos compor uma mesa e queremos com isso dar um testemunho a respeito do Gerd. Eu ainda cogito, pois estamos falando há duas semanas do início da feira, de que a gente não só desta mesa, mas de todas as mesas, no período da feira, recolha este material todo, gravado ou na for-